



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Editorial

Alckmar Luiz dos Santos^a

Ângelo Dimitre Gomes Guedes^b

^a Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil – alckmar@gmail.com

^b Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil – angelodimitre@gmail.com

Este número da *Texto Digital* homenageia Wilton Azevedo. O leitor, se não o conheceu pessoalmente, poderá experimentar, nas páginas seguintes, um pouco das reverberações de sua trajetória que certamente continuam e continuarão a nos influenciar e a nos levar adiante. Se o conheceu, também recordará momentos e reflexões compartilhadas com o amigo, artista, professor, dentre muitos outros atributos só associados a alguém de sua dimensão. Wilton tocou a alma de quem o encontrou ao longo de sua travessia e isso se manifesta nas palavras dos autores que colaboraram nesta edição. No entanto, este número não se limita a prestar homenagens a um amigo de quem tanto sentimos falta. Sua obra — interdisciplinar, em todos os sentidos, além de potente e rara — produz forte ressonância no mundo contemporâneo, seja em termos artísticos, seja em termos acadêmicos, seja, finalmente, em termos humanos.

Pelas veredas por que passou, Wilton contribuiu expressivamente tanto com a produção de conhecimento, quanto com experimentação de linguagens. Sua relação com a tecnologia era orgânica, visceral e existencial; para ele, a linguagem era uma chave a lhe dar acesso ao mundo e com a qual era possível reconfigurá-lo. Talvez isso explique um pouco do seu evidente entusiasmo com as potencialidades da escrita digital e dos novos dispositivos tecnológicos para a criação poética. Ademais, dá uma boa amostra de sua coragem, pois não



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

recuava ante desafios diante de que muitos ou desanimam e recuam, ou apenas exercem aquilo que o próprio Wilton, com um sorriso maroto, alcunhava de *poética de parque de atrações*, ou seja, o encantamento tecnofílico e acrítico com dispositivos e com tecnologias produzindo tudo menos arte verdadeira. Ainda que admirasse as futuras perspectivas, nunca abandonou um profundo senso crítico para examinar muito mais do que se refletia nas superfícies e do que poderia permanecer oculto nos dispositivos e nos processos tecnológicos.

Wilton era um leitor voraz do mundo e, por isso mesmo, um escritor que trabalhava — dia e noite — incansavelmente. Um número gigantesco de amigos, colegas, companheiros e alunos foram brindados com a alegria e a generosidade de seu espírito, que sabia provocar e fazer-nos todos produzir mais e melhor. Dentro ou fora da Academia, era como um coringa. Brincava com as regras do jogo: ao dialogar com a cultura e com a história, atravessava múltiplas direções de espaço-tempo, desbravava territórios improváveis; articulava e reconfigurava fragmentos, funções, caminhos e programas.

Wilton tinha mesmo muito o que falar. E assim o fez... Intensamente. Entretanto, os trabalhos aqui reunidos não apenas reproduzem sua voz e/ou refletem sua imagem. Eles se movem também por novas rotas: desviam, transformam e ressignificam. Talvez possam ser percebidos como retratos: representações de outros espaços e tempos que nascem do ato de dialogar com o próprio Wilton Azevedo. Cada autor, enquadrou diferentes momentos, paisagens e gestos de sua reflexão ou de sua criação artística para dialogar e criar novos espaços que se interconectam nesta edição.

Alguns trabalhos debruçam-se sobre aspectos mais específicos de nosso artista: Rodolfo Mata, em “La dimensión verbal extendida de *Quando assim termina o nunca...*”, investiga a relação entre teoria e prática na criação artística, dentro dessa mesma obra de Wilton; Otávio Guimarães Tavares também se propõe a discutir essa obra a partir de suas reflexões sobre maquinismo e engenho literário, em “*Atame: performar o corpo maquínico despedaçado*”; Leonardo Goldberg e Wellington Zangari nos proporcionam uma discussão específica acerca da poética digital, em “Materialidades da poética digital: *lalangue* e a escritura de Wilton de Azevedo”. Já outros artigos empreendem uma visada panorâmica: Maria Lúcia Wochler Pelaes traz uma reflexão mais geral sobre a teoria e a prática de Wilton, em seu artigo “A poesia digital de Wilton Azevedo: Interpoesia — o início da escritura expandida”; Lourdes Malerba Gabrielli, em “Migrações e regressos”, também propõe um exame geral da trajetória

artística de Wilton, desde o início, com criações visuais, chegando às experiências sonoro-musicais em seus últimos anos; Regina Lara Silveira Mello e Hugo Daniel Rizolli Moreira nos trazem as relações entre vida e experimentalismo artístico em seu trabalho “Vida e arte experimental na trajetória de Wilton Azevedo”; Ângelo Dimitre Gomes Guedes aborda a pluralidade semiótica, comparando criações e reflexões de Kandinski, Vilém Flusser e Wilton Azevedo, em “Entre sonoridades, superfícies e poesia digital”.

No tocante às criações em homenagem a Wilton, temos Luciano Giammarusti Watase com *W.A.>* e Jean-Pierre Balpe, que dedicou ao nosso artista uma criação digital sua, *Poètes (Saison 2, Épisode 1)*.

E há, ainda, uma seção de homenagens a Wilton Azevedo, composta por três trabalhos: Alckmar Santos propõe uma reflexão poética com sua “Carta aberta a Dom Wilton Azevedo, Cavaleiro da Alegre Figura”; Sérgio Basbaum nos brinda com reflexões criativas, de cunho memorialístico, em “A história do duo *Pantharei*: em memória de Wilton”; Cristiano de Sales, em “Wilton Azevedo, o signo expandido”, reflete sobre a experiência humana que representava a convivência com Wilton e como isso, de certo modo, pode ser entendido como uma corporificação ou uma personificação da reflexão teórica.

Finalmente, aparecem também alguns artigos que não se referem diretamente a Wilton Azevedo, mas que não deixam de se relacionar a ele, pelas distintas perspectivas com que tentam pensar um mesmo objeto, o texto digital, conceito que acabou se tornando central na obra de Wilton: Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos e Analice de Oliveira Martins trazem “Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade”; Rafael Soares Duarte nos leva a refletir sobre o diálogo entre histórias-em-quadrinhos e criação digital, com “Investigações teórico-práticas sobre o uso de características formais de textualidades verbo-visuais analógicas na criação de poemas digitais”; Saulo Cunha de Serpa Brandão utiliza um programa de computador, o *Neolo*, para analisar casos de autoria problemática em “Os porquês de Wanda Tinasky não ser Thomas Pynchon — um estudo de caso”.

A despeito de sua imensa e dolorosa ausência, as mensagens de Wilton Azevedo continuarão se expandindo e suas criações seguirão fazendo vibrar quem se deixa contagiar por algumas de suas múltiplas facetas: *designer*, músico, artista visual, poeta, *performer*, artista digital, animador cultural, professor, pesquisador... A ambiência digital, conceito proposto e

desenvolvido por Wilton, segue em constante composição e, através dela, adentro, seus signos permanecem em perpétua mutação; eles o fazem sempre presente e em movimento, a esse querido amigo — escritura expandida de gente, ser humano dos melhores!

Obrigado por tudo.